AS CRIATURAS QUE DEUS CRIOU E DEPOIS DESTRUIU ANTES DE ADÃO

O MUNDO QUE ANTECEDEU O MUNDO

Documento Bibliográfico e Referencial

Fontes Primárias, hebraicas canônicas, targúmicas, midráshicas, talmúdicas, cabalísticas medievais, qumrânicas e apócrifas judaicas

Compêndio cronológico das obras consultadas para a construção da narrativa documental sobre *O Mundo que Antecedeu o Mundo*, abrangendo hebraicas canônicas, targúmicas, midráshicas, talmúdicas, cabalísticas medievais, qumrânicas e apócrifas judaicas.

Ordem cronológica · Período aproximado · Notas de uso narrativo

Nota Introdutória

O presente compêndio bibliográfico foi elaborado como instrumento de verificação e aprofundamento para o filme-documentário que investiga as tradições sobre criaturas criadas e destruídas por Deus antes da formação do mundo adâmico. O tema orbita em torno de um ponto de tensão exegética singular: o intervalo semântico entre o primeiro e o segundo versículos do Bereshit — a abertura da Torah —, no qual uma longa tradição interpretativa identificou não o início absoluto da criação, mas o vestígio de uma destruição anterior. Conceitos como tohu wabohu (caos informe), tehiru (vazio primordial), shemitot (ciclos cósmicos) e shevirat ha-kelim (ruptura dos vasos) articulam, através de estratos textuais distantes entre si por séculos, uma cosmologia da criação múltipla, na qual mundos foram gerados, habitados por seres específicos, e então desfeitos antes que o Adão da tradição canônica fosse modelado do pó da terra. A narrativa documentária explora essas camadas com rigor exegético e gravidade literária.

I. Substrato Mitológico Mesopotâmico e Cananeu (c. 2100–600 a.C.)

Antes que qualquer redator hebraico pusesse em tábua ou papiro a narrativa do Bereshit, as culturas circunvizinhas da Mesopotâmia e de Canaã já haviam elaborado cosmogonias nas quais a criação ordenada do mundo pressupunha a destruição ou o subjugamento de seres de uma ordem anterior. Esta seção reúne os textos cuneiformes e mitológicos que formam o substrato comparativo indispensável para compreender por que a abertura da Torah preserva vestígios de uma devastação primordial — e quais as implicações cosmológicas desse paralelismo para a tradição midráshica posterior.

c. 1700–1200 a.C. (forma escrita); tradição oral anterior

Enûma Eliš (Quando no alto…). Epopeia cosmogônica babilônica composta em sete tábuas de argila, cujo título deriva de suas primeiras palavras em acádico. O texto narra o conflito entre os deuses primordiais — notadamente Apsu (as águas subterrâneas doces) e Tiamat (as águas salgadas caóticas) — e a geração divina mais jovem, liderada por Marduk, que derrota Tiamat e constrói o cosmos a partir de seu cadáver. A relevância para o tema deste filme reside na estrutura cosmogônica: a criação ordenada emerge da destruição de um ser de ordem anterior, cujo corpo dilacerado torna-se o material do mundo habitável. Estudiosos como Alexander Heidel (The Babylonian Genesis, University of Chicago Press, 1942) e Wilfred G. Lambert (Babylonian Creation Myths, Eisenbrauns, 2013) documentaram os paralelos formais com Gênesis 1, particularmente o vocabulário do caos primordial.

c. 1700 a.C.

Épico de Atrahasis. Composição acádica em três tábuas que narra a criação da humanidade a partir da mistura de argila com o sangue de um deus sacrificado, seguida pelo dilúvio enviado pelos deuses para controlar a proliferação humana. O aspecto central para a narrativa deste filme é a presença, na composição do ser humano, de matéria proveniente de uma criatura divina anterior, morta ritualmente — estabelecendo o paradigma cosmológico de que cada nova ordem criada carrega dentro de si a substância das ordens destruídas. Edição crítica de referência: W. G. Lambert e A. R. Millard, Atra-has■s: The Babylonian Story of the Flood (Oxford: Clarendon Press, 1969).

c. 1600–1400 a.C. (forma escrita em Ugarit)

Ciclo de Baal (KTU 1.1–1.6). Conjunto de tábuas em alfabeto cuneiforme ugarítico, escavadas em Ras Shamra (Síria) a partir de 1929, que narram o conflito de Baal com Yam (o mar primordial) e Mot (a morte). O ciclo estabelece a cosmologia cananeia na qual figuras chamadas Rephaim (rp'um) — os 'mortos ilustres' ou 'gigantes ancestrais' — aparecem como habitantes do Sheol convocados para banquetes rituais. Esta menção dos Rephaim como seres de uma ordem anterior, habitando o espaço liminar entre o mundo dos vivos e o abismo, fornece o contexto semântico para o uso hebraico posterior do mesmo termo. Frank Moore Cross e Michael Astour analisaram essas conexões em trabalhos fundamentais citados na seção de estudos modernos.

II. Fontes Canônicas Hebraicas e Tensão Exegética (c. 750–400 a.C.)

O cânone hebraico não fala explicitamente de criaturas destruídas antes de Adão. Fala, porém, em código — no segundo versículo do Bereshit, que descreve uma terra informe e vazia após a declaração inicial de que Deus criou os céus e a terra; em Isaías, que afirma que Deus não criou a terra para ser tohu; em Jeremias, que usa o mesmo vocabulário do caos primordial para descrever uma devastação histórica; e no Livro de Jó, que preserva memórias de criaturas cósmicas que nenhum comentário tardio conseguiu integrar plenamente à teologia monoteísta. Esta seção reúne as passagens canônicas que formam o núcleo da argumentação exegética sobre a pré-existência de mundos destruídos.

c. 550 a.C. (redação sacerdotal; P)

Gênesis 1:1–2:3 (Torá, camada redacional P). A abertura do texto sacerdotal da Torah constitui o documento primário em torno do qual gravitam todas as tradições examinadas neste filme. O versículo 1:2 — 'Ve-ha-aretz hayetah tohu vavohu ve-choshech al-penei tehom' — contém o nó exegético central: o verbo 'hayetah' pode ser lido como 'era' (estado original) ou 'tornou-se' (resultado de um processo anterior), e os termos tohu vavohu, empregados em Jeremias 4:23 para descrever a devastação pós-batalha, sugerem a alguns intérpretes não um caos original mas uma ruína. O nome tehom (abismo) carrega ressonâncias com o acádico Tiamat. Edição crítica fundamental: The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament (HALOT), de Ludwig Koehler e Walter Baumgartner (Leiden: Brill, 1994–2000).

c. 740–700 a.C.

Isaías 45:18. O versículo afirma: 'Assim diz o Senhor, que criou os céus — ele é Deus —, que formou a terra e a fez, que a estabeleceu; não a criou tohu, mas a formou para ser habitada.' A antítese explícita entre a criação divina e o estado de tohu cria uma tensão com Gênesis 1:2, onde a terra é descrita como tohu. A tradição midráshica posterior explorou essa tensão como evidência de que o estado de tohu não pertencia à intenção criadora original, mas resultava de um evento intermediário — uma destruição entre a criação inicial (Gênesis 1:1) e a criação narrada no restante do capítulo.

c. 627–580 a.C.

Jeremias 4:23–26. Nesta visão profética, Jeremias descreve uma devastação usando precisamente o vocabulário cosmogônico: 'Olhei para a terra — eis que ela era tohu vavohu; para os céus — e sua luz havia desaparecido.' O uso de tohu vavohu fora do contexto cosmogônico, aplicado a uma devastação histórica concreta (a invasão babilônica), convenceu exegetas posteriores de que o mesmo vocabulário em Gênesis 1:2 também descrevia uma devastação — e não o estado primordial da matéria. Este paralelo intertextual é um dos pilares mais sólidos da interpretação que postula um intervalo catastrófico entre os dois primeiros versículos do Bereshit.

c. 500–400 a.C.

Jó 40–41 (Beemote e Leviatã). Os capítulos finais do Livro de Jó descrevem duas criaturas — Beemote (40:15–24) e Leviatã (41:1–34) — que Deus apresenta a Jó como evidência do poder divino irredutível a categorias humanas. Beemote, criado 'como você' (40:15), habita o mesmo mundo que Jó; Leviatã é descrito como 'rei sobre todos os filhos do orgulho' (41:34). A tradição midráshica e cabalística identificou essas criaturas como sobreviventes de uma ordem anterior, preservadas como testemunhas dos mundos destruídos. O Talmud Bavli, no tratado Bava Batra 74b, descreve que um dos dois será o banquete do mundo vindouro, enquanto suas peles servirão de tendas para os justos — memória de uma criação anterior que aguarda ser consumida ou integrada.

III. Tradição Targúmica, Qumrânica e Literatura do Segundo Templo (c. 200 a.C. – 200 d.C.)

O período do Segundo Templo produziu uma explosão de literatura especulativa em torno das lacunas e silêncios do texto canônico. Os rolos do Mar Morto, os livros atribuídos a Enoque e Jubileus, e as primeiras traduções targúmicas do hebraico para o aramaico preservaram tradições sobre seres pré-adâmicos, anjos rebeldes e mundos anteriores que a canonização posterior relegaria às margens — mas que nunca desapareceram completamente do corpus interpretativo judaico.

c. 300–200 a.C. (núcleo; forma final c. 100 a.C.)

1 Enoque (Livro Etiópico de Enoque). Compêndio de cinco livros em língua ge'ez — tradução do aramaico e grego originais —, do qual fragmentos aramaicos foram encontrados em Qumran (4Q201–212). O Livro dos Vigilantes (capítulos 1–36) descreve a descida dos Bene Elohim, ou Vigilantes (Irin), filhos de Deus que se uniram a mulheres humanas e geraram os Nefilim — seres de estatura cósmica cuja violência determinou o dilúvio. O Livro das Parábolas (capítulos 37–71) e o Livro Astronômico (capítulos 72–82) aprofundam a cosmologia desses seres. A relevância para este filme reside na tradição de que criaturas pertencentes a uma ordem cósmica superior foram destruídas, seus corpos físicos eliminados, mas seus espíritos (identificados com os demônios posteriores) sobreviveram como resíduos de uma criação anterior. Edição crítica: George W. E. Nickelsburg, 1 Enoch: A Commentary on the Book of 1 Enoch (Minneapolis: Fortress Press, 2001).

c. 160–150 a.C.

Livro dos Jubileus. Reescrita do Gênesis e do Êxodo, composta em hebraico (fragmentos em Qumran, 4Q216–228), que apresenta a história primordial a partir da perspectiva de um anjo que ditou a Moisés os eventos ocultos da criação. Os Jubileus preservam uma tradição sobre os espíritos dos gigantes — filhos mortais dos Vigilantes — que vagam como demônios após a morte de seus corpos físicos no dilúvio (capítulo 10). Esta demonologia pré-adâmica é crucial para a narrativa do filme: os espíritos residuais dos Nefilim são lidos pela tradição posterior como sobreviventes fantasmáticos de uma ordem destruída, habitando o mesmo mundo de Adão sem pertencer a ele. Texto crítico: James C. VanderKam, The Book of Jubilees (Leuven: Peeters, 1989).

c. 150–100 a.C.

Livro dos Gigantes (4Q530–4Q533, Qumran). Fragmentos aramaicos descobertos em Qumran que expandem a narrativa do Livro dos Vigilantes, descrevendo os Gigantes — filhos dos Vigilantes e mulheres humanas — como seres de poder destrutivo descomunal que pressentem em sonhos sua própria destruição iminente. Um dos gigantes, Mahaway, viaja até Enoque para pedir a interpretação dos sonhos, e Enoque lhes anuncia a sentença divina de aniquilamento. O texto preserva, na forma de narrativa dramática, a memória de criaturas condenadas antes que o mundo adâmico atingisse sua forma plena. Edição crítica: Florentino García Martínez, The Dead Sea Scrolls Translated (Leiden: Brill, 1994).

c. 200–700 d.C. (camadas textuais variadas)

Targum Pseudo-Jonathan sobre Gênesis. Tradução aramaica expansiva do Pentateuco, atribuída ao Targum de Onkelos mas distinta deste por seu caráter amplamente midrásico e por incorporar tradições tardias (algumas referências ao islamismo sugerem estrato de redação posterior ao século VII). O Pseudo-Jonathan sobre Gênesis 1:2 traduz o vocábulo tehom com o aramaico tehiru e acrescenta detalhes cosmológicos ausentes no texto hebraico, incluindo referências ao espaço entre a criação inicial e a criação narrada. A obra preserva estratos de tradição que antecipam a especulação midráshica sobre mundos anteriores. Edição de referência: Michael Maher, Targum Pseudo-Jonathan: Genesis (Edinburgh: T&T; Clark, 1992).

IV. Tradição Midráshica, Talmúdica e Gaônica (c. 200–900 d.C.)

A literatura rabínica clássica — midráshim, Talmud babilônico e tratados gaônicos — não apenas preservou as tradições anteriores sobre mundos destruídos, mas as sistematizou em formas exegéticas novas, atribuindo-as a sábios tannaíticos e amoraíticos específicos. É neste estrato que surgem os testemunhos mais explícitos: Rabbi Abbahu declarando que Deus criou e destruiu mundos antes deste; a criação incompleta dos demônios no entardecer do sexto dia; a especulação sobre as gerações de criaturas que precederam Adão. Esta seção constitui o coração textual da narrativa documentária.

c. 400–500 d.C. (redação final; tradições c. 200–400 d.C.)

Bereshit Rabbah (Midrash Gênesis Rabbah). O mais extenso midrash sobre o Gênesis, composto na Terra de Israel provavelmente no século V d.C., mas preservando tradições tannaíticas e amoraíticas dos séculos II–IV. Os parágrafos centrais para este filme encontram-se nos capítulos 3 e 9: em Bereshit Rabbah 3:7, Rabbi Judah bar Rabbi Simon declara que o texto 'e houve tarde' pressupõe uma ordem temporal anterior, ensinando que existia uma sequência de tempo antes desta criação; em Bereshit Rabbah 9:2, Rabbi Abbahu afirma categoricamente que 'O Santo, Bendito Seja, criou mundos e os destruiu' até que este lhe agradasse. Bereshit Rabbah 7:5 preserva a tradição dos demônios criados na véspera do primeiro Shabat mas não completados porque a luz do Shabat sobreveio — criaturas que existem entre mundos, sem corpo, como residuais de uma criação interrompida. Edição crítica: Judah J. Slotki e H. Freedman (tradutores), Midrash Rabbah: Genesis, 2 vols. (London: Soncino Press, 1939).

c. 200–500 d.C. (redação; tradições anteriores)

Talmud Bavli, Tratado Chagigah, 12a–16a. O tratado Chagigah ('Festa'), no bloco talmúdico dos 'assuntos secretos' (Ma'aseh Bereshit e Ma'aseh Merkavah), contém discussões sobre a criação primordial às quais os sábios rabínicos se referem com cautela explícita — 'não se expõe Ma'aseh Bereshit para dois'. A folha 12a discute as sete camadas do firmamento, a natureza da luz primordial escondida, e os seres que habitaram cada camada. Implícita nessa cosmologia estratificada está a memória de criações anteriores cujos resíduos habitam camadas acessíveis apenas ao contemplativo treinado. A luz primordial — or ha-ganuz —, escondida após o primeiro dia, tornou-se nos textos cabalísticos posteriores a evidência de que o Deus do Bereshit não era um criador de início absoluto, mas um criador que retomava uma obra interrompida.

c. 200–500 d.C.

Talmud Bavli, Tratado Sanhedrin, 97a–b. A discussão talmúdica sobre os seis milênios da história do mundo — estruturada sobre a tipologia dos seis dias da criação — pressupõe uma contagem que começa com Adão, mas vários comentadores medievais notaram que essa contagem implica, por contraste, a existência de um tempo 'antes de Adão' que não entra no cômputo. O conceito talmúdico de 'olam' (mundo ou era) tornou-se, na especulação cabalística posterior, o instrumento técnico para descrever as múltiplas eras de criação que antecederam a era adâmica. Sanhedrin 97b contém o ensino sobre os seis dias de criação correspondendo a seis mil anos, mais um milênio de Shabat — tipologia que a Cabala medieval expandiria para a doutrina das shemitot.

c. 750–800 d.C.

Pirkê de-Rabbi Eliezer. Midrash narrativo pseudoepígrafo atribuído ao tanaíta Rabbi Eliezer ben Hyrcanus (séc. I–II d.C.), mas composto provavelmente no século VIII, possivelmente em terra islâmica. O capítulo 3 descreve em detalhe a criação nos dois primeiros dias, incluindo a natureza das águas primordiais e o papel do espírito de Deus movendo-se sobre elas. O capítulo 22 discute os Vigilantes e sua queda. A obra é singular por preservar tradições cosmológicas que antecipam formulações cabalísticas medievais sobre mundos anteriores, sem ainda dispor do arcabouço técnico da Cabala. Edição: Gerald Friedlander, Pirkê de-Rabbi Eliezer (London: Kegan Paul, 1916; reimpr. Sepher-Hermon Press, 1981).

V. Tradição Cabalística Medieval e Cosmologia Luriana (c. 1150–1620 d.C.)

A Cabala medieval — especialmente em sua forma zohárica e luriana — transformou as especulações dispersas da literatura midráshica sobre mundos anteriores em um sistema cosmológico coerente, com terminologia técnica precisa: o Olam ha-Tohu (Mundo do Caos), as shemitot (eras cósmicas em ciclos de sete), os Melachim (Reis) destruídos antes da criação adâmica, a Shevirat ha-Kelim (Ruptura dos Vasos) e os nitzotzot (faíscas) dos mundos anteriores que sobrevivem no interior de toda criação posterior. Esta seção documenta os textos cabalísticos fundamentais para a narrativa do filme.

c. 1150–1180 d.C.

Sefer ha-Bahir (Livro do Esplendor). O texto cabalístico mais antigo da tradição zohárica, composto ou editado na Provença no século XII, possivelmente a partir de materiais mais antigos de origem oriental. O Bahir introduz pela primeira vez, em contexto cabalístico sistematizado, a doutrina das sefirot como estruturas dinâmicas da emanação divina, e contém referências — ainda veladas — a uma ordem cósmica anterior em que as sefirot existiam em configuração 'caótica'. A seção 141 discute a natureza das almas e sua relação com criações anteriores. O Bahir estabelece o vocabulário técnico que o Zohar expandiria um século depois. Edição crítica: Aryeh Kaplan, The Bahir: Translation, Introduction and Commentary (York Beach: Samuel Weiser, 1979).

c. 1250–1300 d.C.

Sefer ha-Temunah (Livro da Figura). Texto cabalístico pseudoepígrafo atribuído ao tanaíta Rabbi Nehunya ben ha-Kanah, mas composto na Catalunha ou Castela no século XIII. O Sefer ha-Temunah elabora a doutrina das shemitot — sete grandes eras cósmicas, cada uma sob a dominância de uma das sete sefirot inferiores, cada uma com sua própria criação e destruição. A era atual seria a segunda ou terceira shemitah. Nas eras anteriores, governadas por atributos divinos distintos, diferentes tipos de seres foram criados: na shemitah de Gevurah (rigor puro, sem misericórdia), seres incapazes de suportar o peso do juízo divino foram criados e consumidos por sua própria natureza. O Sefer ha-Temunah é o texto cabalístico mais explícito sobre a natureza das criaturas pré-adâmicas, e constitui um dos eixos centrais da narrativa do filme.

c. 1280–1286 d.C. (redação; tradições anteriores assimiladas)

Sefer ha-Zohar (Livro do Esplendor) — seleções. O Zohar, composto em aramaico literário pelo cabalista castelhano Moses de León (c. 1240–1305) — embora apresentado como obra do tanaíta Shimon bar Yochai — constitui o texto sagrado central da Cabala. Para o tema deste filme, são especialmente relevantes: Zohar I:9b, que discute os mundos criados antes deste e as faíscas (nitzotzot) que deles sobreviveram; a seção sobre os 'Reis de Edom' (Zohar I:156b–157a, baseada em Gênesis 36:31–39), na qual os oito reis edomitas que 'reinaram antes de qualquer rei reinar em Israel' são interpretados como emanações do Olam ha-Tohu — formas divinas incapazes de reciprocidade, que 'reinaram e morreram' porque existiam sem a contraparte feminina (a shekhinah) que permite o equilíbrio entre Din e Rachamim. Edição crítica: Daniel C. Matt, The Zohar: Pritzker Edition, 12 vols. (Stanford: Stanford University Press, 2004–2017).

c. 1570–1572 d.C. (ensinamentos orais); c. 1590–1620 d.C. (redação por Chaim Vital)

Etz Chaim (Árvore da Vida) — Isaac Luria / Chaim Vital. O Etz Chaim é a principal sistematização dos ensinamentos do cabalista Isaac Luria (o Ari, 1534–1572), registrada por seu discípulo Chaim Vital (1542–1620) a partir de anotações de aulas e tradição oral. O texto elabora em profundidade inédita a cosmologia do Olam ha-Tohu (Mundo do Caos) e da Shevirat ha-Kelim: na emanação primordial, os vasos (kelim) destinados a conter a luz divina (or ein sof) na configuração de Tohu eram indivíduos isolados, incapazes de interação, e se quebraram sob o peso da luz — espalhando 288 faíscas (nitzotzot) que 'caíram' para os mundos inferiores e constituem a matéria espiritual de toda a criação subsequente, incluindo a criação adâmica. O Olam ha-Tikkun (Mundo da Retificação) — o mundo de Adão — existe para resgatar essas faíscas. Edição: Philip Berg (ed.), Etz Hayyim: Tree of Life (New York: Research Centre of Kabbalah, 1985); tradução acadêmica comentada em Lawrence Fine, Physician of the Soul (Stanford: Stanford University Press, 2003).

VI. Estudos Críticos Modernos (séc. XX–XXI)

Bibliografia secundária essencial para a compreensão histórica e crítica das tradições primárias listadas acima.

Scholem, Gershom. *Major Trends in Jewish Mysticism*. New York: Schocken Books, 1941. — Obra fundadora dos estudos acadêmicos modernos da Cabala. O capítulo sobre o Zohar e os capítulos sobre a Cabala luriana são indispensáveis para contextualizar a doutrina dos mundos anteriores no desenvolvimento histórico da mística judaica.

Scholem, Gershom. *On the Kabbalah and Its Symbolism*. New York: Schocken Books, 1965. — Os ensaios sobre o Golem, sobre as shemitot e sobre a relação entre mito e tradição exegética são diretamente relevantes para a narrativa deste filme.

Ginzberg, Louis. *The Legends of the Jews (7 vols.)*. Philadelphia: Jewish Publication Society, 1909–1938. — Monumental compilação das lendas rabínicas e midráshicas sobre a criação, Adão, os anjos caídos e as criaturas pré-adâmicas. As notas dos volumes 5 e 6 constituem uma bibliografia midráshica exaustiva para o tema.

Idel, Moshe. *Kabbalah: New Perspectives*. New Haven: Yale University Press, 1988. — Revisão crítica da metodologia de Scholem, com análise de tradições sobre mundos anteriores a partir de fontes manuscritas medievais pouco estudadas.

Cross, Frank Moore. *Canaanite Myth and Hebrew Epic: Essays in the History of the Religion of Israel*. Cambridge: Harvard University Press, 1973. — Análise fundamental das relações entre a mitologia cananeia (incluindo os Rephaim ugaríticos) e a cosmologia do Antigo Testamento, com relevância direta para a compreensão dos 'mundos anteriores' como categoria mítica hebraica.

Fine, Lawrence. *Physician of the Soul, Healer of the Cosmos: Isaac Luria and His Kabbalistic Fellowship*. Stanford: Stanford University Press, 2003. — A mais completa biografia intelectual de Isaac Luria em língua inglesa, com análise detalhada da cosmologia do Olam ha-Tohu e da doutrina das faíscas (nitzotzot).

Sarna, Nahum M.. *Understanding Genesis*. New York: Schocken Books, 1966. — Análise exegética do Gênesis que contextualiza o vocabulário de tohu vabohu e tehom no horizonte das cosmologias do Antigo Oriente Próximo, essencial para a argumentação sobre o 'intervalo' entre Gênesis 1:1 e 1:2.

Collins, John J.. *The Apocalyptic Imagination: An Introduction to Jewish Apocalyptic Literature*. Grand Rapids: Eerdmans, 1984. — Introdução sistemática à literatura apocalíptica do Segundo Templo, incluindo análise do Livro dos Vigilantes (1 Enoque 1–36) e do Livro dos Gigantes de Qumran.

Nota Final sobre a Natureza desta Bibliografia

O presente compêndio é, por natureza, uma seleção autoral. Das dezenas de tratados midráshicos, dos manuscritos cabalísticos espalhados por genizot e bibliotecas europeias, dos inúmeros comentários medievais sobre os versículos do Bereshit — apenas uma fração foi aqui reunida. A seleção não é arbitrária: cada obra foi incluída por sua contribuição direta e verificável para os temas centrais do filme, a saber, a existência de criaturas em mundos anteriores ao mundo adâmico, a natureza dessas criaturas, as razões de sua destruição e os resíduos que sobreviveram na criação subsequente. Obras importantes que tocariam o tema apenas tangencialmente foram deliberadamente omitidas para não dilacerar o foco do instrumento.

Documento referencial preparado como complemento de pesquisa ao filme-documentário homônimo.